



No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se

In the woolen ball of memory, crossings of the sensitive: to become

Luciana Esmeralda Ostetto¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo

As histórias de vida e formação, como construções biográficas, são acessadas por meio de atos de memória e ganham nuances peculiares no próprio processo de narrar-se, a medida em que o narrador caminha para si. Dentro de tal quadro compreensivo, o artigo é tecido com fragmentos de memórias que contam sobre itinerários de formação – ética, política, estética –, representativos da existencialidade da autora. Ao localizar atravessamentos sensíveis que contribuíram para a ampliação de seus repertórios artístico-culturais em diferentes temporalidades, dá visibilidade à formação estética como processo-projeto de elaboração de sentidos e produção da vida, na relação com a arte, a cultura e a natureza. Na fronteira entre educação e arte, trazendo à mostra traços de percursos singulares, desdobra-se em reflexão sobre a formação de professores.

Palavras-chave: formação estética, narrativas autobiográficas, educação e arte, formação docente.

Abstract

Life and formation stories, such as biographical constructions, are accessed by means of acts of memory and gain peculiar nuances in the narrative process itself, as the narrator walks towards himself. Within such a sympathetic framework, the article is woven with fragments of memories that reveal – ethic, political, aesthetic – formation itineraries, representative of the author's existentiality. By locating sensitive crossings that contributed to her expansion of artistic-cultural repertoires in different temporalities, it gives visibility to the aesthetic formation as process-project of meaning elaboration and production of life, in the relation with art, culture and nature. On the frontier between education and art, showing traces of singular paths, it unfolds reflections on the formation of teachers.

Keywords: aesthetic training; autobiographical narratives; education and art; teacher training.

Enviado em: 01/06/18 - Aprovado em: 17/07/18

A vida é um fio,
a memória é o seu novelo.
Enrolo – no novelo da memória –
o vivido e o sonhado.
Se desenrolo o novelo da memória,
não sei se tudo foi real
ou não passou de fantasia.

Entre real e fantasia, é pelos meandros da memória que vou tecendo o presente texto, não em linha reta, mas na direção chamada pelas lembranças, entre o sonhado e o vivido, afirmando a complexidade e a beleza da vida. Desenrolo o novelo e me localizo: o lugar de onde falo é a Educação. Minha formação de base é Pedagogia e pelos seus confins me embrenhei, criando e recriando percursos para além dela. Na rememoração, identifico que o tempo e o espaço de minha inserção como professora universitária, formadora de professores para a Educação Infantil, conduziram-me à aproximação de um campo constituído na interface entre a Educação e a Arte. Desde então, vivo a fronteira.

Costumo dizer que trilho essa fronteira invertendo os termos de uma clássica relação – arte-educação, ou arte/educação, ou arte e educação; pondero que converso com a arte a partir da educação e assim vou achando meu lugar: educação e arte. Venho pesquisando questões relacionadas ao que estamos chamando de dimensão estética na formação de professores, seguindo as pistas metodológicas das abordagens (auto)biográficas (JOSSO, 2004; DELORY-MOMBERGER, 2006; NÓVOA; FINGER, 2010, entre outros). Interessa-me perscrutar indícios de tempos, lugares, acontecimentos e relações que marcam possibilidades e limites da experimentação sensível, no encontro com a arte, a natureza e a cultura.

A palavra estética, na acepção moderna, aparece pela primeira vez na obra *Aesthetica*, do filósofo alemão Alexander Baumgarten, em 1750, marcando o surgimento de uma disciplina filosófica, nos conta Nadja Hermann (2005). Foi particularmente importante, no caminho que fui seguindo, compreender que inicialmente o termo não estava relacionado à arte, mas

[...] nasceu como um discurso sobre o corpo. [...] o termo não se refere primeiramente à arte, mas, como o grego *aisthesis*, a toda a região da percepção e sensação humanas, em contraste com o domínio mais rarefeito do pensamento conceitual. A distinção que o termo "estética" perfaz inicialmente em meados do século XVIII, não é aquela entre "arte" e "vida", mas entre o material e o imaterial: entre coisas e pensamentos, sensações e ideias; entre o que está ligado à nossa vida como seres criados opondo-se ao que leva uma espécie de existência sombria nos recessos da mente (EAGLETON, 2010, introdução, p.1; aspas do original).

Ao movimentar-me na fronteira, tendo presente o território em que me situo, o campo da Educação e da formação docente, fui deslocando a compreensão de estética dos usos modernos. Esse movimento me permite recuperar e trabalhar com o sentido de estética da tradição filosófica clássica, da raiz grega *aisthesis*, "que significa sensação,

sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial” (HERMANN, 2005, p. 25). Compreender a formação estética em íntima relação com os processos de percepção, de imaginação, de interpretação, por meio dos quais a sensibilidade é alargada no mundo e com o mundo, implica pensar que o estético transcende os conteúdos da cultura artística; não tem que ver apenas com aprender a ouvir ou cantar música, conhecer literatura, dançar e ir ao teatro, aprender dramaturgia, apreciar pinturas, visitar museus, por exemplo; “[...] o estético é aquilo que cada um é em sua superfície existencial, porque o importante é o como são desfiadas e afiadas as cordas do tempo e da transformação inevitável” (GALEFFI, 2007, p.104).

Atravessados pelas referências dos grupos sociais aos quais pertencemos, em tempos e espaços históricos, vamos nos apropriando de modos de ser, pensar e sentir, formas particulares de significar o mundo; por meio de experiências, hábitos e valores compartilhados com eles, vamos nos formando esteticamente, constituindo repertórios vivenciais e socioculturais que abrem ou fecham as possibilidades de inventarmos formas, cores, sons, gestos, histórias, de imaginarmos e de reinventarmos a própria existência. Como diz Veia Vecchi (2013), o estético é um processo de empatia, é o contrário da indiferença e é ativador da aprendizagem. Tramadas na relação com outros significativos, as experiências com a arte, a cultura e a natureza, penetrando a pele, olhos, ouvidos, olfato, paladar, podem afetar todos os sentidos e, dessa maneira, contribuir para romper a indiferença e reafirmar a vida.

Por meio da rememoração, no exercício autobiográfico desencadeado para a escritura do presente texto, vou (re)encontrando elementos constituintes das minhas sensibilidades, localizando e articulando fatos, acontecimentos, relações, experiências enfim, que me ajudaram a perceber o mundo; isto seja, que contribuíram para aprendizagens de capturar seus sentidos, em texturas, formas, tons, sabores, dizeres, fazeres, configurando saberes que me ajudaram a ser quem sou. Compreendo que as histórias de vida e formação, como construções biográficas, são acessadas por meio de atos de memória, que ganham nuances peculiares no próprio processo de narrar-se, a medida em que o narrador caminha para si, como nos ensina Marie-Christine Josso (2010).

Utilizando a imagem de “caminhar para si” para falar dos processos de conhecimento sobre os projetos-processos formativos ao longo da vida, a referida autora chama atenção para o fato de utilizar um verbo, pois diz respeito à atividade de um sujeito que empreende uma viagem de autoconhecimento. O viajante, nesse processo-deslocamento para si, começa

[...] por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes do percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos (JOSSO, 2010, p. 58).

Nessa viagem, diz ainda, entra “em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade” (JOSSO, 2010, p. 60); que vai construindo uma representação de sua existência, através dos atos de narrar, de relatar, de construir enredos, por meio de olhares retrospectivos e prospectivos, biografando-se, fazendo-se na narrativa de si.

Dentro desse quadro compreensivo, cá estão fragmentos de memórias que contam sobre processos de formação – ética, política, estética –, representativos de minha existencialidade. Percebendo a “formação como projeto, produção de [sua] vida e elaboração de sentidos” (JOSSO, 2010, p. 62), desenho traços, sempre parciais, de itinerários singulares que contam de alguns atravessamentos sensíveis, que contribuíram para aprendizagens de tornar-se – fazer-se, transformar-se.

Sobre fogos que acendem pavios

Escuta, está tocando um hino! Espontaneamente começo a cantar, acompanhando a música que ouço enquanto me movimento diante das batalhas [os quadros “Batalha de Guararapes” e “A batalha do Avahi”]. “... A paz, queremos com fervor/ a guerra só nos causa dor/ porém se a pátria amada/ for um dia ultrajada/lutaremos sem temor...”. Bel, ao meu lado, também espontânea e imediatamente, acha graça, comenta, entre incrédula e espantada: *Ela sabe os hinos!* (Caderno de notas da viagem ao Rio de Janeiro. Jun. 2002).

Sim, eu sabia todos os hinos da playlist que estava tocando na galeria de arte do século XIX do Museu Nacional de Belas Artes - MNBA, no Rio de Janeiro: nacional, da independência, do exército, da marinha, da bandeira, da república. Cantar e aprender os hinos parece ter sido um de meus prazeres na infância. Curiosamente, lembro que alguns hinos não eram cantados por nós, crianças. Na Escola, só os maiores aprendiam e cantavam, por exemplo, o hino da proclamação da república (sabem, aquele que diz em seu refrão “Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós. Das lutas, nas tempestades. Dá que ouçamos tua voz”). Em casa, como irmã mais nova, eu aprendia com os mais velhos e com meu pai também. Não era uma questão de patriotismo, nacionalismo, não. Tinha prazer em cantar e saber de cor os hinos, as vezes com letras enormes. Da mesma forma

eu aprendia as canções de antigamente, repertório dos muito mais velhos, aqui e ali por onde passava – marchinhas, sambas, canções italianas; Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Lupicínio Rodrigues, Lamartine Babo, Ary Barroso, Vicente Celestino. Como eu gostava de cantar! Reconheço, hoje, o prazer que tinha em aprender a letra da canção e a memorizar seu ritmo.

No mais, minha meninice foi povoada de rodas e cantigas. No pátio da escola, na rua em frente de casa, na pracinha da cidade, entre alegrias e tristezas, foram muitas as brincadeiras e inúmeras as rodas, das quais trago comigo, mais que a lembrança, um gosto. Tanto tempo faz! Fui menina nos anos 1960. Em Nova Veneza, cidadezinha do interior catarinense, entre missas, procissões e festas do padroeiro São Marcos, uma bela cantoria italiana poderia surgir entre os adultos, com muitas vozes a entoarem canções que, no passar do tempo, nós crianças íamos assimilando e cantando também. Não importava que não compreendêssemos ou não soubéssemos pronunciar corretamente aquele italiano dialetal. Valia a alegria do ritmo, no encontro das vozes.

Lembrança curiosa: não sei de onde veio aquele livro, cheio de letras de marchinhas de carnaval, que eu criança gostava de folhear. Virava as páginas daquele que, me aparece na lembrança, era um compêndio, grosso volume, e ia contando quantas eu já sabia cantar. Diversão de uma menina do interior que ouvia rádio, assistia televisão na casa da vizinha, e brincava na rua. Das cantigas da infância às rodas de violão da adolescência, na pracinha da cidade, meu gosto foi se constituindo. No sabor de cantar ao som do violão que amigos tocavam, numa miscelânea de ritmos e gêneros, fui ampliando meu repertório e ganhando possibilidades de refinar meu gosto.

Naquele já distante 2002, visitando a cidade do Rio de Janeiro, em uma “missão cultural” com um grupo de amigas, muitas dessas memórias de relação com a música foram provocadas e, na medida em que marcava o rememorado em meu caderno de notas, fui visualizando a música como um canal que me aproximava das coisas do mundo, que me chamava para ver o espetáculo do mundo. Uma espécie de “fogo que acende o pavio” para o encontro com a arte, pelos caminhos incertos da ampliação dos repertórios vivencial e cultural. Maria Isabel Leite, a amiga que estava ao meu lado na visita ao MNBA (e achou graça no fato de eu saber cantar os hinos), foi quem me fez pensar nessa história, perguntando-me se a música não seria, para mim, o fogo que acende o pavio. Tempos depois sistematizou, no breve texto que escreveu, alguns preciosos pontos sobre experiência estética e formação cultural, que começava justo pela indagação: de onde vem a chama que acende o pavio? Cito-a diretamente:

De onde vem a chama que acende o pavio? Um filme. Uma música. Um soneto. Um quadro. A experiência estética ganha significação na medida em que faz ressonância. Há algo naquela obra, naquela poesia, naquela dança que me diz coisas. Entro em diálogo, estabeleço relações. Sou afetada pela obra. Dou significação. [...] O processo de apropriação cultural alimenta a si próprio. Uma coisa chama a outra – cabe a nós seguirmos os rastros que foram acesos pelas chamas e, assim, ir além (LEITE, 2004, p. 56).

Caminhar na galeria do século XIX do MNBA, num tempo em que o museu criava uma ambiência para a fruição, compondo uma paisagem sonora na qual o visitante era envolvido enquanto caminhava e olhava as pinturas de cenas históricas, acionou em mim o movimento de escavar lembranças, de me reportar ao passado para encontrar trilhas da minha vida, para reconhecer experiências que me aconteceram com a música e pela música. As conversas com as amigas potencializaram o movimento. A partir daquele momento, provocadas diante das batalhas retratadas nas telas de grandes dimensões e ao som dos hinos, minhas memórias persistiam no presente. Revisitadas, ganhavam sentido ao serem compartilhadas com as amigas¹ que estavam comigo. Faziam-se teias de muitos fios, ora se emaranhando, ora revelando claros trajetos de sutil formação cultural.

No desenho da memória, fui percebendo músicas e letras por meio das quais fui acessando outras histórias, percorrendo veredas de formação sensível: chamas que acendiam o pavio do encontro com a arte, da ampliação de repertórios culturais e estéticos, da vida. Compartilho, a seguir, alguns clarões de lembranças acessadas naqueles dias de Rio, instigada pela conversa com minhas interlocutoras, e sobre as quais tomei nota. Há nesses fragmentos mostras de um gosto pela forma ou estrutura musical e também de uma curiosidade aguçada pela poesia, pelas palavras e expressões, ateando fogo na curiosidade: do que o compositor está falando? A busca fora atizada. Um campo para outras significações estava aberto.

Adoro nomes!

Andy Warhol mil vezes na TV disse: no gossips, miss..., Caetano canta em "Grafitti" (1984). O verso soa bem. Mas... quem é esse Andy Warhol? Quis saber, fui atrás e me deparei com um sujeito já conhecido, mas sem nome. Quer dizer, eu conhecia os famosos retratos da Marilyn Monroe, mas até então não sabia que tinham sido produzidos pelo tal. Depois de Caetano, o já visto foi nomeado.

¹ Daqueles dias de Rio, relembro com carinho e gratidão das minhas amigas que, de certa forma, fizeram o roteiro e me conduziram pelos caminhos misteriosos da cidade, com arte, cultura e afeto. Maria Isabel Leite, Gabriela Argolo, Adriana Almeida: na saudade, salve a amizade, que acende belezas por dentro!

“Totalmente demais” é um disco de Caetano, gravado ao vivo em 1986, no qual ele abre cantando “Vaca profana”, que é totalmente demais, coisa impressionante no tanto de referências que vai revelando: Picasso, Steve Wonder, Thelonius Monk’s, Barcelona e Gaudí. *Sou tímido e espalhafotoso/torre traçada por Gaudí/São Paulo é como o mundo todo/no mundo um grande amor perdi...* Na época eu não conhecia a obra do Gaudí, mas sabia de sua existência, no nome, de longe. Ouvir Caetano me fez procurar suas torres, achei a “Sagrada família”, o “Parque Güel”, e coloquei no horizonte o sonho de conhecer Barcelona, a obra de Gaudí e *as ramblas do planeta/ orchata de chuva, si us plau!*

O pintor Paul Gauguin amou a luz na Baía da Guanabara/o compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela... Em “Estrangeiro” (1989), Caetano, mais uma vez. Dois nomes. Cole Porter e Gauguin. Sobre o Paul Gauguin, fui olhar nos livros de arte, na biblioteca, e tinha tudo a ver com a música. Gostei muito, muito. Aquelas cores, aquelas gentes, aqueles corpos estrangeiros, cenas misteriosas, cheias de simbologias que chamavam a outros olhares. Queria um livro para mim. Livros de arte, com boas imagens... Nossa, eram muito caros! Olhando a coleção de imagens de suas obras em livros, também sonhava em ver de perto aquelas belezas. Fiquei acalentando o sonho por anos e anos. Um amigo esteve “com ele”, trouxe-me de presente uma reprodução de uma de suas obras. Emoldurei, do tanto que gostei! Demorou, mas o dia de estar frente a frente com Paul Gauguin, no Museu d’Orsay, chegou. Era 2004. Ele não estava sozinho, o que foi melhor ainda. Uns tantos da minha imaginação e outros inimagináveis, estavam lá e me brindaram com inesquecíveis composições de cores, formas, histórias, mistérios, gostos e desgostos.

Acho que era 1989. Assisti pela TV um show organizado em apoio às vítimas da AIDS, “Red, Hot & Blue: Cole Porter Tribute”. Quando vi, não acreditei: era o cara da música do Caetano! Esse show da TV, mais parecido com um documentário, pela produção tipo videoclipe, mostrava astros da música internacional, como David Byrne, Annie Lennox, Tom Waits, U2, Erasure, em interpretações de composições de Cole Porter (1891-1962) muito particulares, vivas. Eu fiquei encantada com tudo aquilo que vi. A proposta do projeto, as músicas, as interpretações, que beleza de produção. Posição política, artística e cultural, história, denúncia, apoio, homenagem, identidade. Fiquei maluca para comprar logo o disco. Vinil, álbum duplo (conferi agora, na capa do disco: foi 1990). Ter o disco me permitia visitar aquelas músicas, ouvi-las quando quisesse. Maravilhoso! Muito tempo depois, comprei também um CD com canções de Cole Porter cantadas pela Ella Fitzgerald. Mais beleza. Interessante refletir que, ao acompanhar o show pela televisão, pude identificar composições do Cole Porter que conhecia nas vozes do João Gilberto, como “You do something to me” (que no show era interpretada por Sinead O’Connor, estupenda!) e

da Gal Costa, que gravara "Begin the beguine". Não sabia que eram dele e não tinha ideia da importância do compositor para a música americana. Não sei quando, e em que condições, Cole Porter adorou as luzes na noite da baía da Guanabara. Mas eu, menos o conhecera mais o amara. Foi um deleite chegar mais perto de sua produção musical, nas veredas abertas por Caetano Veloso. Fiquei mais atenta a autores, canções, versos e versões.

Nesse ritmo, conheci "Canções Versões" (2000), CD produzido por Carlos Rennó e Rodolfo Stroeter. "Que deleite! Que delícia! Que delírio! Que dilema! Que delito! Que dilúvio! Que de-lindo!"². Caetano, Gilberto Gil, Rita Lee, Cássia Eller, Mônica Salmaso, Carlos Fernando, Zélia Duncan, Jussara Silveira entre outros, interpretam versões de canções de Cole Porter e dos irmãos Gershwin. Lá está a divertida "Let's do it (Let's fall in love)", interpretada em dueto por Chico Buarque e Elza Soares, que na versão de Carlos Rennó aparece como "Façamos (Vamos amar)". Vibrei ouvindo Tom Zé cantando "Você é o mel", uma versão de Augusto de Campos para "You're the top", que diz: "Você é o Museu do Prado" ... e uma sinfonia de Strauss, Copacabana, um toque de Botticelli, um filme de Fellini, uau! Aqui, nomes conhecidos e queridos. Todos!

Continuando as histórias de aventuras musicais, preciso falar de Zeca Baleiro. Sua incrível musicalidade, com sambas, maracatus, cirandas, forró, mexeu muito comigo. "Vou imbolá" (1999), seu segundo CD, traz "Bienal", que referêcia ao tema da Bienal de Arte de São Paulo, em 1996: "A desmaterialização da obra de arte no fim do milênio". Eu achei genial. Percebi uma contundente e bem-humorada crítica sobre os rumos da arte na contemporaneidade. Afora a crítica, lembro do trecho: [...] *com a benção de deus e Basquiat/ Nova Iorque me espere que eu vou já/picharei com dendê de vatapá/uma psicodélica baiana...* Entusiasmada, cantando e falando desta música para minha irmã mais nova, fui interpelada: Tu sabes quem é Basquiat, né? Não, eu não sabia! Ela me contou.

Em outro tempo, ganhei o álbum MM - Marisa Monte. Era 1988 ou 1989. "Bess you is my woman now!", uma das músicas, cantada com o Nouvelle Cuisine, me encantou sobremaneira. Fiquei sabendo, lendo no encarte do disco, que a música era parte (uma ária) da ópera americana "Porgy and Bess", composição dos irmãos Gershwin (1935). Tempos depois ganhei o disco da ópera e nele pude ouvir outras músicas já conhecidas, que eu não desconfiava fizessem parte de uma obra como essa. É o caso de "Summertime", gravada pela Janis Joplin. Nessa mesma época, sincronidade, uma companhia americana traz para o Teatro Municipal de São Paulo a ópera "Porgy and Bess". Impulso: é claro que

² Carlos Rennó, versão da canção de Cole Porter *It's de-lovely* (CD *Canções Versões*, 2000).

eu vou! Recuo. Será que eu vou entender a ópera, em inglês? Decido. Só pelas músicas já valeria entrar no Municipal. Fui. Respiro extasiada. Que bom ter ido. Emocionante. Lindíssimo. O cenário, as vozes, os corpos contando e cantando aquelas histórias, de personagens tão particulares e especiais para mim, ah!

Enquanto narro essa história, fico pensando que para entrar no Municipal, sentar e assistir a uma ópera, naquela época, foi preciso que eu “me autorizasse”. Não foi um simples ir. Nem sempre é fácil uma pessoa ir – entrar em um teatro, sala de recital, museu ou galeria de arte –, quando em seu repertório não há intimidade com a coisa. Para além de valores de ingresso, da cadeira do auditório em que você vai sentar, ou o corredor/galeria que vai percorrer, é o seu auditório interno que pula, interpela, checa: dá para ir, eu posso, eu devo? (Acho que é o Bakhtin que fala desse auditório interno). Trabalhando com professores de educação infantil, em formação inicial e continuada, muitas vezes ouvi: “Não entendo de arte, por isso não vou ao museu!”. Recentemente escutei de uma professora, quando visitávamos uma exposição de arte: “A gente não tem costume de ir a museu, ver arte. Hoje eu vim, mas fiquei preocupada, pensando se minha roupa era adequada”. Jeitos de ser e estar vão sendo apropriados. É fato.

Ainda que em muitas ocasiões eu tenha tematizado a questão de professores de Educação Infantil e estudantes de Pedagogia apresentarem repertórios culturais limitados, que tenha pesquisado e discutido sobre as experiências e as relações que tiveram ou mantém com a arte (OSTETTO; LEITE, 2004; OSTETTO, 2006, 2010), mergulhando no passado e pensando minha história para a composição dessa narrativa, me dou conta de como muitos conteúdos revelados nas atitudes das minhas alunas de Pedagogia falavam/falam com a aluna de Pedagogia que fui. Entre identificações e diferenças, percebo claramente um elemento que, no mais das vezes, esteve/está marcando minhas relações pedagógicas ao longo desses anos: a marca de classe.

Abro parênteses. Eu venho do que chamaria, genericamente, sem querer entrar em contendas sociológicas e políticas, das classes populares, de uma família de pai e mãe assalariados que tinham nove filhos para criar e o necessário para a subsistência. Eu era a sétima. Nascida e criada em uma cidadezinha do interior, acompanhava a tensão de valores estabelecidos entre a necessidade de trabalhar e o sonho de estudar. Dessa tensão, a escola pública era nosso precioso lugar de afirmação. Eu pude ir para a escola “na idade certa”, e estudava dedicadamente. Agarrava toda oportunidade de ler, conhecer, experimentar. Privações, dores e delícias, brincadeiras, estudo e ajuda nas tarefas domésticas, marcam também a criança que fui. Enfrentando o desconhecido e lapidando a

coragem, os que vieram antes de mim me encorajaram a seguir e, de certa forma, criaram condições para a continuidade. Fecho parênteses.

Pela memória, tramando histórias, visivelmente a marca de classe impulsiona e sustenta meu compromisso com a formação de professores, com a escola pública, com a afirmação do direito à cultura. Com a bagagem do caminho trilhado, sentidos provocados, entre encontros e desencontros, perdas e ganhos, alegrias e tristezas, belezas e feiuras, impossível ficar indiferente às atitudes, às histórias e aos limitados repertórios artístico-culturais de professores e estudantes. Por onde seguir? Escuta. Exercício de alteridade. Solidariedade. Na escuta de histórias docentes, abrindo veredas para o acolhimento que se faz solidariedade, vou aprendendo a continuar, fertilizando encontros que possam dar espaço para a riqueza das vidas – de professores, de estudantes, minha. Como dissera Paulo Freire, mestre de tantos, ninguém educa ninguém, ninguém forma ninguém, educamo-nos em comunhão, com o outro, com o mundo. No que se refere à formação estética, vale também a premissa. E a pergunta roda: qual é a chama que acende o pavio?

De cor(ação): rimas, fábulas e tesouros

Não tive problemas na escola primária, era uma boa aluna, fazia as lições, lia muito. A professora naquela época “tomava o ponto de leitura”. Eu gostava de ler fazendo as pausas conforme a pontuação indicada no texto. Ler no ritmo, com a entonação requerida, interpretando com vivacidade as linhas traçadas que o olhar acompanhava, era um prazer. Eu treinava em casa. O livro de leitura adotado pelo Grupo Escolar Abílio César Borges, para o segundo ano do primário (hoje, terceiro ano do ensino fundamental), tinha por título: “Aprender é festa”. Não será exagero dizer que eu amava aquele livrinho! E na memória? Ainda estão guardados trechos de poesias que líamos nele. Por exemplo:

Essa menina tão pequenina quer ser bailarina.

Não sabe nem dó, nem ré, mas sabe ficar na ponta dos pés.

Não conhece nem mi, nem fá, mas balança o corpo prá lá e prá cá.

[...]. Também nasceu na Bahia, vós todos conheceis, o notável Rui Barbosa, mestre das línguas e das leis. No Ceará, já faz tempo, José de Alencar nasceu. Foi o maior romancista, dos que o Brasil já nos deu. Mas para nós as crianças, toda amizade de fato, está no grande paulista, que é Monteiro Lobato.

A poesia da bailarina é sabidamente da Cecília Meireles, mas a outra eu não sei a autoria (deve estar na internet, nesse (quase) infinito repositório de peças de memórias, mas não quis conferir). Não sei se a poesia da bailarina é tal e qual recito. Também não conferi. Deixa estar. Importante é marcar as boas ressonâncias das lições escolares.

A boa relação com a escola vinha de casa, sim. Minha mãe estudou para ser professora, mas exerceu o magistério por pouco tempo. Em algum tempo foi ser agente dos Correios & Telégrafos. Meu pai, com o ensino fundamental, gostava de ler e era muito espirituoso. Tinha prazer em falar por metáforas, em contar causos. Acho que foi ele que comprou o “Tesouro da Juventude”, uma enciclopédia de muitos ensinamentos, e que ficava exposta na estante de madeira que ele próprio havia feito. Ele era engenhoso com as mãos também. Meu pai gostava muito de se reportar às fábulas de Esopo que estavam nas páginas daquele tesouro, a cada volume, entre a miscelânea de assuntos. Como eram construídas em versos rimados, eu me divertia tentando decorar algumas histórias. Hoje um trechinho de uma, “A raposa e as uvas”, iluminou-se em minha memória: “Diz-se que certa raposa, vendo-se muito esfaimada, viu roxos maduros cachos, pendentes em alta latada. Mas não conseguindo alcança-los, bradou: são verdes, não prestam, só os cães podem tragar”. De mais não lembro, mas desconfio que ouvir meu pai ler ou contar as fábulas acendeu a chama do meu desejo de querer aprender as histórias de cor, fertilizou meus caminhos pela leitura-escrita.

Por outro lado, sendo minha mãe funcionária dos correios (e a sede dos correios, em Nova Veneza da minha infância, era na sala da frente da minha casa!), experimentei uma forma bem particular, creio, de acessar livros para leitura: o reembolso postal. Lembro da expectativa, aguardando os dias para receber os pedidos de livros feitos “pelo correio”. Será que demora? Chegou? E que alegria ao recebermos o precioso pacote! O prazer de comprar livros me acompanha. Seja pela internet, seja frequentando livrarias e seus cafés, identificar títulos-objetos de desejo, planejar a compra, tê-los em mãos, colocar na estante junto aos outros até que consiga fazer a leitura, faz parte um gosto que, talvez, venha de lá, das experiências meninas no “correio da Dona Ligia”.

No caderno da minha irmã tinha arte

Minhas irmãs mais velhas faziam o curso de Magistério. Eu, criança, ficava encantada com um caderno de uma delas. Ele tinha arte. Se escavo minha memória parece que foi lá, no caderno da minha irmã, que vi imagens de “belas artes” pela primeira vez. Sigo o rastro da memória, faço esforço para lembrar. A névoa que encobre a rememoração se dispersa e deixa-se mostrar: lá está um caderno grande, de capa dura, toda colorida. Vejo melhor agora. Na verdade, é um álbum de imagens construído em um caderno grande, de capa dura sim, cuidadosa e belamente encapado com imagens multicores recortadas de revistas. Uma composição com recorte e colagem. Um plástico transparente sobrepondo as imagens, dava um belo acabamento para a capa. Eu folheio o álbum e encontro figuras e letras, imagens de obras de arte e de artistas e explicações sobre elas. Sinto a beleza

nas mãos. Fecho os olhos e vejo lá as cores e as formas das “banhistas” e das “bailarinas”, pintadas por Renoir e Degas. Nunca esqueci os nomes, com pronúncia diferente, ao ouvir minha irmã nomeá-los. Por muito tempo o caderno me acompanhou. Uma tristeza tê-lo perdido, entre uma mudança de casa e outra...

Na época, das minhas aulas de arte na escola, lembro só do caderno de desenho. Margear o caderno de desenho, medir, aprender a escrever tipos de letras, círculos das cores... Ali eu só podia ver: medir, usar o lápis-grafite, a régua, o compasso, essas “tecnologias” que chamavam à ordem, à forma dada, à fôrma, ao padrão. Fazer letra bastão, treinar, treinar, treinar. É tudo que eu me lembro das aulas de arte. Criação e experimentação zero! Ah, não. Lembrei do desenho cego e do desenho de observação, também no caderno... enquadrados nas margens delimitadas. Em contrapartida, fora da escola, eu tinha um ateliê, onde eu podia transver, como sugere o poeta. A ferraria do meu pai era o reino da experimentação! Essa memória faz um tempo que ganhou forma e até escrevi sobre ela (OSTETTO, 2016). Trago um trecho a seguir, para compor meu mosaico de histórias de formação estética.

Um ateliê

Olhando de fora, uma simples casa de madeira. Seu interior está cheio de ferramentas. Grandes, pequenas, leves, pesadas, estranhas, comuns. Torno, formão, plaina, serrinha, serrote, furadeira, martelo, esquadros, compasso. Uma profusão de materiais. Ferro, madeira, arames, fios de cobre, fios elétricos, ripas de molduras, vidros, espelhos, lixas, tintas, pincéis, lápis de carpintaria, régua. Coisas velhas descartadas, peças quebradas à espera de conserto, ajustes ou reparos, completavam a paisagem. E tudo emprestava magia ao lugar. Eu, menina, tinha fascínio por aquele mundo de coisas e formas, de ferramentas e materiais que convidavam à exploração, à imaginação: a ferraria do meu pai. Oficina, marcenaria, espaço plural. Lugar de trabalho para ele. Um reino do feito à mão, lugar de experimentação, manipulação, construção, criação para mim. Gostava de ir para lá. Levava junto minha curiosidade. Com ela fuçava cantos e recantos atrás de descobrir preciosidades. Como era bom sentir o cheiro da madeira recém-cortada, pegar nas mãos a serragem caída da bancada de corte, sentir sua textura. Divertia-me recolhendo lascas de madeira que saíam encaracoladas da plaina. Pareciam cachos de cabelos. Os toquinhos de madeira, descartes das peças que estavam sendo produzidas (ora de um móvel, ora de uma simples moldura de um quadro ou de um espelho em montagem) faziam minha festa. Com eles compunha histórias e cenários, experimentava, imaginava, inventava. Brincava. E quando me permitiam mexer nas tintas para pintar as madeirinhas? Suprema alegria. No quadro do vivido, vejo a criança da qual falava Benjamin (2009), irresistivelmente capturada pelos restos que sobram dos locais de trabalho. Minha

presença naquele lugar, vendo o processo de trabalho artesanal, e às vezes eu mesma experimentando fazer, no contato direto com os materiais, fertilizou meu "eu-artesã" (para utilizar a expressão de Lygia Bojunga, 2001), essa porção de nosso ser que cria, inventa e faz à mão, mas que vai se perdendo no curso da vida, encoberto por camadas e camadas de conhecimento, conceitos e preconceitos. Hoje que sei nomear, posso dizer que a ferraria do meu pai foi meu ateliê.

Outros pontos, camadas de ser

Os fios, retalhos, rendas, bordados, também me encantavam. Além das roupas de bonecas que costurava à mão para minha irmã mais nova e suas amigas, meu entusiasmo era com o crochê. Manusear a agulha de crochê, fazendo pontos simples, aprendi com uma vizinha. Restos de lã do tricô de minha mãe serviam bem para a exploração no crochê, tecendo gostos e habilidades, entre as correntinhas e o ponto alto. Querendo aprender a colocar os pontos na barra de uma toalha, fui até à casa da Dona Amábile, que fazia crochê como ninguém da cidadezinha. Ela gentilmente me ensinou a juntar os pontos à barra do tecido que levava para a lição. Puxar o fio, laçar, furar o pano com a ponta da agulha, dar a volta, tecer, contar os pontos para dar início à próxima laçada, tramar o ponto seguinte. Muita atenção e concentração. Às vezes destecer, para aprimorar o ponto. Minhas sensibilidades também foram torneadas pelas mãos, lapidadas enquanto tramava fios no crochê com a Dona Amábile. Observando-a, aprendia a ver e a falar de outras maneiras, na lentidão do tempo que se faz artesanalmente, na escuta, na espera. Tecendo o crochê, qualificava o fazer, integrando-o como parte constitutiva do pensamento. Cultivava formas de dizer. Ampliava linguagens. Formação estética.

Roda viva

Na escola, no tempo que hoje seria ensino fundamental, eu tinha uma professora bem bacana, de Educação Física. Dançar era com ela. Em todas as festividades ela organizava e ensaiava uma coreografia com a gente. Não lembro a ocasião, mas me recordo que dançamos uma coreografia sua, com a música "Roda viva", do Chico Buarque. Na memória vem a alegria de estar no palco com outras crianças, executando os movimentos com harmonia, vestindo aquele figurino básico: meia-calça e sapatilha pretas, com um collant também preto, com flores prateadas pregadas em sua superfície, pareciam escamas.... Minha memória terá me pregado uma peça? Foi isso mesmo? Bem, importa que foi muito lindo, muito prazeroso dançar naquela roupa, com aquela música. Claro, Chico Buarque vai me acompanhar ao longo de minha trajetória, suas músicas, sua poética, farão parte do repertório que foi enriquecido nos tempos de universidade. Mas ainda me pergunto porque terá a professora escolhido Roda Viva para nossa apresentação. Não era uma

questão de protesto, ou de posicionamento político. Em Nova Veneza, eu não sabia que estávamos em uma ditadura. Fui descobrir, tal como canta Chico Buarque, essa “página infeliz da nossa história, passagem desbotada da memória, das nossas novas gerações”, quando, em 1982, estando na capital para cursar a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, fui ao cinema e me deparei com o enredo de “Pra frente Brasil” (direção de Roberto Farias). Onde foi isso? – perguntei ao final, espantada! Eu fora tocada de um jeito, a roda viva girou, o filme abriu aquela página infeliz – e eu nunca mais fui a mesma.

Entrar em uma universidade federal, sair de casa, morar em república, compartilhar tempos e espaços em outra cidade (não uma cidade qualquer, mas uma cidade grande, capital do estado), foi sem dúvida um divisor de águas, um “momento charneira”, de que fala Josso (2004) e sobre o qual a revisora da tradução de seu livro escreve uma nota explicativa:

Momentos ou acontecimentos charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida (WARSCHAUER, nota de rodapé nº 3 in JOSSO, 2004, p. 64).

Dos tempos de universitária, não posso deixar de citar as sessões de cinema no Convivência da UFSC, e do Cineclube Nossa Senhora do Desterro, palcos de alargamento de concepções, emoções, afetos, consciência política, artística e cultural. Ponto de encontro de tantos que, como eu, buscavam e viviam processos de transformações, no plano existencial-pessoal e no plano social, experimentando movimentos de lutas, no contexto da chamada abertura. “Diretas Já!” foi um grito que impulsionou tantos jovens a se engajarem na vida política do país, mas que, vejo hoje, igualmente dizia respeito a reivindicações pela liberdade de ser o que se é. Nesse sentido, nossas visões também foram informadas e lapidadas no contato com o cinema do mundo, para além das diversões hollywoodianas. Frequentar àquelas sessões, contribuiu para a tomada de consciência e para questionar valores.

Deslocamentos, outros olhares... e Portinari

Ainda guardo comigo o catálogo que comprei no Museu de Arte Moderna de São Paulo, de uma exposição chamada “Modernidade – arte brasileira do século XX”. Ver de perto “O café”, “A negra”, “Cinco moças de Guaratinguetá”, Portinari, Tarsila, Di Cavalcanti. Na lembrança, as cores e as formas do “Cinco moças de Guaratinguetá” predominam. Primeira

vez que lá entrei. Foi um acontecimento! Estar em São Paulo (onde morei de 1987 a 1992) abriu passagem para encontros com outras obras.

Se, de modo amplo, eu alimentava a curiosidade de ver ao vivo e em cores obras e artistas sobre os quais pudera ter informação, inda que pouca, desde os tempos de escolar, na minha Nova Veneza, até os tempos de universitária, em Florianópolis, eu tinha um desejo especial de conhecer Portinari, de vê-lo assim, frente a frente com sua obra. Não sei de onde vinha o desejo, mas ainda sinto a força da emoção causada no estar diante das telas da série "Retirantes", na minha primeira visita ao MASP. Na lembrança, quando eu os vi, não estavam emoldurados e pendurados na parede, feito quadros; estavam num cavalete ou em outro suporte que os deixavam mais soltos. Creio que a disposição das obras, o tamanho das telas e as cenas retratadas, formaram um conjunto deveras impactante. Aquelas pinturas na minha frente! Senti o efeito de uma "imagem agente" (ALMEIDA, 1999), cuja intensidade marca a consciência, o corpo todo, fixando conteúdos, e por isso não se pode jamais esquecê-la. Tenho a impressão que a apreciação da série "Retirantes" foi meu primeiro encontro forte com a arte.

Tempo que corre. Até que um dia: *Aqueles são os azulejos do Portinari? Uau!* Eu que vira uma conchinha do painel de azulejos, num copo de requeijão, impossível acreditar no imenso painel do Palácio Capanema, antiga sede do MEC, no Rio de Janeiro. Portinari habita aquele lugar. Entrando no prédio, vejo o imenso e incrível mural "Jogos infantis" e, em outra sala, painéis retratando diferentes ocupações no trabalho do campo. Li depois, em algum lugar, que tais pinturas tematizavam os ciclos econômicos: Algodão, Borracha, Cana de Açúcar, Cacau, etc. Na lembrança, vejo a expressividade de homens e mulheres trabalhando. Fiquei impressionada com esse novo encontro, de certo modo inesperado, com Portinari. Dez anos depois, pude vê-lo no Museu de Arte Moderna da Bahia (aliás, que lugar maravilhoso aquele Solar do Unhão!) e na Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte.

Intrigante o Portinari no meu caminho. Por que será que eu gostava dele, por que minha curiosidade? Em minhas memórias não localizo momento em que fora apresentada ao artista, seja na escola, na rua ou em casa. Não lembro. Mas desconfio que havia materiais sobre ele circulando, como livros e objetos de consumo, como os tais copos de requeijão. Também não sei se à época já havia o Projeto Portinari, responsável pela popularização de sua obra. Seja como for, também desconfio que a divulgação de reproduções de suas obras contribuiu muito para avivar e dar corda no meu desejo de vê-lo e apreciá-lo, bem de perto, estreitando os laços de afeto. Acho mesmo que "Portinari reproduzido" abriu caminho para minha conversa e meu olhar com sua obra e a arte brasileira.

Um outro tipo de arte

Fecho os olhos, sou transportada para aquela sala com um tapete vermelho, ao longo do qual estavam perfilados inúmeros aspiradores de pó com o tubo virado para o alto; os aparelhos estavam ligados e na saída do tubo, bolinhas de isopor flutuavam no ar. Eu lembro de ter achado divertido e de sorrir largamente. A instalação convidava a um passeio solene pelo tapete vermelho, tendo ao fundo uma música erudita. Em mim ainda reverbera aquela experiência. Deliciosamente estranha. E é curioso, porque eu queria ver os modernistas, não esse “tipo” de arte. Eu era fixada nos modernistas. Mas foi incrível. Acho até que foi aí meu primeiro contato com a arte contemporânea. É bem verdade que à época eu pouco sabia de instalações, arte contemporânea e coisas que tais. Mas a experiência me diz que eu estava aberta, levando os sentidos para desbravar sentidos, nas possibilidades da vida e da arte. Hoje, passadas décadas do acontecido, ao escrever esse texto me pergunto, afinal, que obra era aquela? Tendo apenas o recurso da memória, pesquiso na internet “obra de arte com tapete vermelho e aspirador de pó”. Encontrei! É “Eletro Esfero Espaço”, do Guto Lacaz, quem diria! Fico sabendo que a obra foi adquirida pela Pinacoteca de São Paulo em 2016 e esteve em exposição em 2017. Leio os dados referentes a ela: “Eletro Esfero Espaço”, composta por um tapete vermelho e vinte e seis aspiradores de pó, contando também com um walkman, oferecido ao visitante com um trecho de *Thannhäuser*, de Richard Wagner (1813-1883); fez parte da exposição “A trama do gosto – um outro olhar sobre o cotidiano”, realizada no pavilhão da bienal, em São Paulo, em 1987³.

Pela rampa vermelha do MAC, visões de modernos e contemporâneos

Chegamos. Não tem outra entrada, não? Será preciso subir a rampa? Com essa chuva! Ali começavam as provocações do “seu” Niemeyer. A entrada... era pela rampa vermelha, sim! (Caderno de notas da viagem ao Rio. Junho de 2002).

Retomei meu caderninho de anotações daquela viagem ao Rio de Janeiro. Estava cheio de relatos, reflexões, perguntas e exclamações sobre uma miríade de experiências. Entre as notas, há uma longa descrição sobre a visita ao Museu de Arte Contemporânea – MAC de Niterói. Transcrevo a seguir uma parte do referido relato, preservado em seu tom de nota escrita após a visita. O trecho selecionado abre com as palavras utilizadas na epígrafe desse item e segue assim:

Como pode uma construção assim? Diferente, verdadeiramente provocativa. Concreta? Moderna? Contemporânea? Revolucionária? Como definir a arquitetura? Deixa prá lá! Não

³ Para saber mais, acessar <http://www.gutolacaz.com.br>

cabe conceitos e definições, só sensações. Estranhamento. Satisfação. Encantamento: é circular! Foi muito lindo "estar lá". Foi muito lindo "ver de lá". Que espaço intrigante, construção tão singular, um verdadeiro templo, integrado à paisagem que o circunda: estávamos dentro, mas podíamos sentir e olhar lá fora. De um determinado ponto, pura magia: estamos no meio do mar! Inesquecível a sensação de olharmos através dos vidros (não são janelas) que "dão a volta" no museu, (acompanhando sua circularidade) e darmos de cara com o mar, com aquela exuberância paisagística! Quadros primorosos de verdes e azuis e cinzas, neste dia. Mas o MAC-Niterói não é só a arquitetura, não. Nem tampouco se resume aos quadros naturais vistos através dos vidros (achei meio abandonado, mas seu acervo é muito interessante e significativo). Quando cheguei no salão principal, literalmente central, vi de longe alguns quadros que me pareceram familiares. Fui me aproximando. Certa familiaridade pressentida se comprova: estavam lá alguns representantes do concretismo, neoconcretismo ou próximos. Acho graça de escrever assim: "próximos". Mas é que não sei nomear tudo que vi, embora me pareceu que conversavam entre si. Olhando as obras e lendo as etiquetas, me dou conta: incrível como "eles" têm estado no meu caminho, neste ano de 2002! Samson Flexor, Lygia Clark, Hélio Oiticica. Também Milton Dacosta (o "meu" Milton, adoro!!!), Antônio Bandeira, Iberê Camargo. Todos lá, no salão central do redondo museu. Interessante pensar que só agora, neste ano, a partir do Tuneu, no livro [Tuneu, Tarsila e outros mestres: o aprendizado da arte como um rito de iniciação (ALBANO, 1998)] e na aula da Ana Angélica, comecei a me importar com esses artistas, principalmente com o abstracionismo geométrico. Ou melhor, comecei a olhar para eles, buscar conversa. Não é de primeira que sai um diálogo. Leva tempo. Mas gostei do que vi. Ensaiei uma conversa boa (Caderno de notas da viagem ao Rio. Junho de 2002).

Volto ao meu catálogo da exposição do MAM-SP e encontro nele muitos dos artistas que vi no MAC-Niterói. O catálogo comprova, eles estavam lá, junto de Tarsila, Di e Portinari. Mas, na lembrança, não os vejo. Talvez os "meus" modernistas ocupassem todo o meu campo visual e afetivo o que, aliás, era já muita coisa para uma interiorana estar conhecendo e apreciando no final dos anos 1980. Talvez.

Educação e arte: raízes de uma relação fertilizada na docência

1995. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Reformulação do Curso de Pedagogia. Uma das novidades foi a inclusão, na nova grade curricular, da disciplina "Fundamentos e metodologia do ensino de arte-educação". A denominação da disciplina é, sem dúvida, questionável, mas naquele momento o simples fato de se criar um espaço

curricular que trazia a arte para conversar com a educação significava uma grande mudança: a ampliação dos fundamentos essenciais para a formação do professor.

Dadas suas especificidades, não havia no quadro do departamento um professor para ministrá-la. Esperamos muito para a chegada, por concurso, de um professor para a área. E então.... Em virtude do trabalho que eu vinha desenvolvendo nas disciplinas específicas da Educação Infantil, trabalhando com as diferentes linguagens, associando pensar e fazer e sentir e criar, fui convidada para colaborar com a área. Não sem receios, assumindo os riscos, aceitei.

Enfrentando desafios, ampliando conhecimentos, abrindo campos de pesquisa, mergulhei em novas experiências. Eu já desenvolvia projetos, com as turmas da disciplina de Educação Infantil, com a arte-educadora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI-UFSC. Aprendi muito com Vânia sobre ateliê, artistas, saberes e fazeres da arte. Assumindo a disciplina “Fundamentos e metodologia do ensino de arte-educação”, ampliei a rede de apoio na universidade: professoras de arte do Colégio de Aplicação da UFSC, que traziam conhecimentos específicos, sobretudo das artes visuais, contribuíram para fundamentar a jornada que estava sendo iniciada no curso de Pedagogia. Lembro do entusiasmo e disponibilidade das professoras Fabíola e Neide, que vinham trabalhar na disciplina como minhas convidadas. Foi fundamental sua participação e apoio, tanto para o aprofundamento de conteúdos específicos que compartilhavam nas aulas com os estudantes, como para meu processo formativo estético-artístico-cultural. Uma lembrança forte: Frans Krajcberg. Foi pela mediação dessas professoras que conheci “O poeta dos vestígios” e fui perseguindo seus rastros. Hoje reconheço: com elas eu experimentava uma verdadeira formação continuada, traçada no encontro, no diálogo e na abertura para o novo. Reconheço, também, que tal componente curricular me possibilitou avançar no diálogo que vinha ensaiando com a arte, enquanto campo de conhecimento.

Atuei na disciplina até chegar a professora concursada. No percurso, teci um programa que visava oferecer espaços para o contato com diferentes materialidades, técnicas de criação e expressão, que pudessem provocar experiências de corpo inteiro e a educação do olhar. Lembro de um texto e de um livro que, na época, lia com os estudantes: “O sensível olhar pensante”, de Mirian Celeste Martins (1996), e “O espaço do desenho: a educação do educador”, de Ana Angélica Albano (1992). Foram apoios para a travessia, ajudaram-me a fazer o caminho enquanto caminhava.

A proposta “de experimentar” sustentava-se no objetivo de provocar a dimensão inventiva, certamente existente em cada um e, ao mesmo tempo, reprimida, claramente identificada

na expressão “eu não sei fazer!”, entoada toda vez que algo novo e desconhecido era proposto. Mas não bastava apenas fazer, experimentar, conhecer materiais. Era essencial ver, contemplar, estar diante da obra, fruir. Entre as atividades da disciplina estavam visitas a museus e galerias de arte, saídas para espetáculos de dança e teatro. Encontros com a obra, construção de olhares, ampliação de repertórios.

No programa de ensino estavam previstas visitas mensais à Galeria de Arte da UFSC, na qual acontecia, a cada mês, uma nova exposição com obras de diferentes artistas. A visita era aberta, sem direcionamento, sem monitoramento: era ir e se aproximar e ver e sentir e... Só ao final do semestre o grupo deveria elaborar um ensaio problematizando seu olhar sobre a galeria de arte, refletindo sobre o seu processo de significação da arte. Intuitivamente, eu estava esboçando um caminho que convidava ao olhar, a estar diante da obra para quem sabe, provocar a imaginação.

Localizo nessas experiências a fertilização da relação que vai ganhar amplitude e significação daí por diante no meu caminho acadêmico e pessoal: educação e arte. Parece-me que foi nessa época a formação de questões, provocadas por inquietações sobre a essencialidade da arte na formação docente. Por que não contemplar um programa de formação cultural? Um programa chamando atenção para o universo circundante, das diferentes linguagens artísticas, das imagens, das cores, das formas, dos sons, dos movimentos.

Deixei a disciplina. Ficaram as questões. Segui fazendo formação de professores para a Educação Infantil incorporando cada vez mais as relações entre educação e arte. Foi no doutoramento que expandi os limites fronteiriços.

Um tecido de circularidades

Minha prática como professora formando professores para a Educação Infantil conduziu-me ao movimento de sair para o doutorado. Desejava ampliar diálogos com campos de conhecimento que alimentassem novas possibilidades para a formação docente. Há tempos a arte me convidava. Por que não seguir por suas trilhas? Queria me encontrar com o *ser poético* do adulto-educador, para o qual minha atenção foi se voltando, desde que lera “aquele” livro sobre desenho e educação do educador (ALBANO, 1992), lá nos tempos de pedagoga da Creche Jardim Monjolo, em São Paulo. A autora fala da importância do espanto diante da novidade do mundo, da (re)descoberta do prazer da criação e da necessidade de recuperar as linguagens perdidas na infância, como o desenho: o reencontro do professor com sua dimensão lúdica, criadora, poeta é que permitirá o encontro com o “ser da poesia” da criança. Ou seja, a autora chamava a atenção para a

formação estética docente, para a “educação do educador”, como explicitado no título do livro. Ficou sendo um princípio, em novas sínteses no meu percurso pessoal e profissional: para acolher o outro criador, é necessário ativar o criador em mim, para cultivar beleza, é preciso viver a beleza, para encantar, é preciso encantar-se (OSTETTO, 2010).

O doutorado, como uma jornada de buscas e encontros, de (re)ativação da potência criadora e da poesia em mim, também se mostra como um “momento charneira” (JOSSO, 2004). Uma outra parte de mundo ia sendo descortinada, fazendo sentido para mim: o que via, lia, ouvia, experimentava, alimentava meu desejo de aventura e me provocava a ensaiar novos olhares. Mundos e mundos tateados, reconhecidos e apropriados, por meio da mediação do outro, dentro e fora da Unicamp.

Uma disciplina marcante e decisiva para aprender a olhar em outras direções, foi “Cultura, educação e imagem”, com o professor Milton de Almeida. Revisito meu caderno, encontro anotações do dia 05/03/2002, primeiro dia de aula.

ESTRANHAMENTO

ABISMO

BOCA ABERTA

ASSOMBRO

NOVIDADE

EXPECTATIVA

QUE SERÁ?

POR ONDE?

PRA ONDE?

ESPERO PRA VER!

Assim mesmo, em letras garrafais e centralizadas. Primeiras impressões. Atravessado o estranhamento inicial, colocando-me em posição de aprendiz diante do mestre, ouvia com curiosidade suas histórias, ao modo de lições, que falavam de tempo, memória, cinema, imagem, arte, cultura. Além do discurso em primeiro plano, das imagens projetadas e trechos de filmes que visualizávamos, ficava atenta às margens: nomes pronunciados (de filmes, obras, literatura, autores, artistas, cineastas) iam para minha lista de buscas, e depois das aulas eu ia pesquisar – na biblioteca, na videoteca, na livraria. Assim ia alimentando um percurso muito particular de formação, alargando fronteiras, a partir de histórias da arte que iam sendo contadas e ressoavam meu desejo de conhecer. Em cada nome, uma janela para uma experiência. Lorenzetti, Giotto, Masaccio, Piero Della

Francesca, Ticiano, Giorgione, Antonelo Della Messina, Pellizza da Volpedo, Bernini, Balthus, Tarkoviski, Eisenstein, Leni Riefenstahl, Juan Rulfo.

Quando viajei para Roma, carreguei uma listinha de lugares que chamavam a encontros sublimes. No topo da lista estava a pequena igreja Santa Maria della Vittoria, na qual pretendia me encontrar com Gian Lorenzo Bernini, ou melhor, com sua obra "O êxtase de Santa Teresa" (1646-1652). Lembro do coração batendo forte quando entrei na igreja. Meus olhos percorreram freneticamente o espaço em busca da capela que abrigava a escultura. E então fui capturada pela mística e arrebatadora visão. Envolvida pela beleza da forma, pela força expressiva retirada do mármore, encantada com a magia da luz que atravessa a alta janela da capela projetada pelo escultor, fiquei paralisada. Aahhhhhh! A respiração entrecortada e a expressão de admiração, características da reação estética, tomam os sentidos, como num assombro. Lembro, agora, das considerações de James Hillman:

Você prende a respiração e fica imóvel. Essa inspirada momentânea, esse pequeno arfar, essa reação de aahhhhh é a resposta estética [...]. Além disso, essa inspirada momentânea é também a própria raiz da palavra estética, em grego *aisthesis*, que significa sensopercepção. *Aisthesis* se liga aos *aiou* e *aisthou* homéricos, que significam "Eu percebo" e também "Eu ofego, luto por inspirar" e a *aisthomai*, *aisthanomai* "Eu inspiro" (HILLMAN, 1993, p.137).

A propósito, conheci James Hillman na disciplina "Arte, Psicologia e Conhecimento" que cursei naquele mesmo semestre. Lembro que, antes de ver o programa, a julgar pelo título, pensava que estudaríamos o livro *Psicologia da arte*, de Vygotsky. Porém, a proposta e as leituras que a professora indicava, seguiam outros mares. Fui desconstruída em minhas referências e, de início, senti certo medo, pois me dava conta de que estava percorrendo um espaço não-familiar. A professora Ana Angélica Albano, responsável pela disciplina e minha orientadora, apresentou-me Jung, Dra. Nise da Silveira e James Hillman e com eles fui apreendendo mundos que se projetavam, desacomodando minha bagagem, fazendo ruir certas prescrições que me habitavam.

Foi no doutorado que retomei a experiência com as Danças Circulares Sagradas, uma prática de dança em roda, realizada em grupo, geralmente de mãos dadas, ao som de músicas (tradicionais ou contemporâneas) de diferentes culturas. O círculo da dança pode abrir-se ou fechar-se, desenhando linhas, espirais, meandros na sua movimentação. As danças de pares são também bastante comuns e lembram diretamente as tradicionais danças de roda festivas (OSTETTO, 2006). As danças circulares sagradas, em seu caráter comunitário e gregário, trazem em suas raízes a ancestralidade da dança dos povos.

Relembrem um tempo em que dançar era participação, encontro e reafirmação dos ciclos da vida, pois, como destaca Garaudy (1980 apud OSTETTO, 2006a), os homens dançaram todos os momentos importantes da vida: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a plantação e a colheita, os ciclos observados na mudança das estações.

Nas danças circulares sagradas reencontro-me com práticas culturais que formaram minha sensibilidade – as cantigas de roda da infância, os cânticos italianos, as rodas de violão na praça da cidade onde nasci e cresci. Reconheço, então, o símbolo do círculo e integro o que se dispersara, ressignificando o percurso. É preciso dançar e cantar! Por entre os labirintos das danças circulares segui na pesquisa, para discutir a formação estética dos professores. A pesquisa⁴ abriu espaço àquele “caminhar para si”, permitindo-me a reconexão com aspectos negligenciados de uma existência incrustada na racionalidade, impulsionando a redefinição de rumos, mirando o desejo, aprendendo a continuar a (re)invenção da vida, sobretudo da profissão docente. Afinal,

O que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo, não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si como sujeito, [...] permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, [...] as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos [...] para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade (JOSSO, 2004, p. 58).

Fiando outras histórias: educação e arte em pesquisa

No tempo que é hoje, ando fiando histórias em Niterói, na Universidade Federal Fluminense. Lá, coordeno o FIAR – Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte⁵, cujas pesquisas vêm sendo tecidas com palavras-chave tais como: educação estética, arte e infância, narrativas autobiográficas, formação de professores, Educação Infantil, educação em museus, formação cultural de professores, formação estética docente, memorial de formação estética.

Sendo um grupo de pesquisa relativamente novo, a dinâmica de reuniões, os temas dos encontros de estudo, os tempos de orientação e as formas de pensar a produção acadêmica vêm se constituindo como espaços de construção de identidade, circularmente. Nossos estudos, aliados ao aprofundamento da bibliografia de base teórico-metodológica, que

⁴ A tese “Educadores na roda da dança: formação-transformação”, foi defendida em 2006 e publicada em 2014 com o título “Danças circulares e formação de professores: a inteireza de ser na roda”. Cf. referências ao final do artigo.

⁵ Para mais informações do grupo, consultar <http://fiar.sites.uff.br/>

privilegia autores do campo da pesquisa (auto)biográfica, têm se concentrado na tarefa de enfrentar o debate conceitual que relaciona estética, educação e formação.

As questões que impulsionam nossas pesquisas – Onde acontece a formação estética do professor? Como suas histórias de vida contribuíram para sua formação estética? Qual é a contribuição da arte para a formação dos professores de Educação Infantil? – solicitam do pesquisador a reflexão sobre seu próprio percurso. De tal forma, assumimos a elaboração do memorial de formação como pressuposto da metodologia e da vida do grupo: com foco nas experiências estéticas, todos os participantes produzem seu memorial, o qual se torna parte do trabalho acadêmico em desenvolvimento (Monografia, Dissertação, Tese). Compreendemos o “memorial de formação estética” como um dispositivo de geração de dados biográficos, tanto como dados de pesquisa, quanto como espaço de “reflexividade biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2006) para aquele que está na jornada de investigação. Nessa direção, vamos tecendo pesquisas e identidades, aprofundando as relações entre educação e arte, no encontro com educadores e crianças, criando e acolhendo narrativas de vida.

Neste ano de 2018 o grupo está desenvolvendo o projeto “Por uma formação docente brincante: outros espaços, outras experiências”, que abarca um caráter de pesquisa-extensão-formação. Com seu foco voltado para a formação continuada de professores de Educação Infantil da rede pública municipal de Niterói, em seu desenvolvimento são privilegiados outros ambientes e experiências. Nossa intenção é reaproximar o adulto-professor de suas linguagens, provocar o alargamento de experiências estéticas, rompendo os limites do espaço escolar. Justamente por isso, os encontros de pesquisa-formação com os professores são realizados no espaço do Museu Janete Costa de Arte Popular, da Secretaria de Cultura de Niterói. A rememoração e as narrativas autobiográficas que falam da infância e dos percursos pelos quais a brincadeira e a ludicidade se perderam, ou se potencializaram, são também privilegiadas.

Lembrar, juntar, escrever... e o texto precisa acabar

Mais difícil do que inventar é, na certa, lembrar, juntar, relacionar, interpretar-se. Explicar-se é mais difícil do que ser. E escrever é sempre um ato de existência. Quando se escreve conta-se o que se é (ROCHA, 1983, p.103).

Do novelo da memória, puxei alguns fios para tecer histórias de formação, sobre percursos singulares-plurais que me constituem. Lembrando, juntando e escrevendo narrativas que se desdobram em enunciados desejosos de diálogo, pretendi dar visibilidade à formação

estética como processo-projeto de elaboração de sentidos e produção da vida, na relação com a arte, a cultura, a natureza, a sociedade. Ao localizar atravessamentos sensíveis que contribuíram para a ampliação de meus repertórios artístico-culturais em diferentes temporalidades, atravesso fronteiras para (re)conectar pontos pressentidos entre a educação e a arte na formação docente.

No desafio de pensar e fazer formação de professores, sem negligenciar os múltiplos aspectos envolvidos e sem desconsiderar a vida e as histórias de adultos e crianças que estão em relação na escola, reafirmo um princípio fundamental, lição que venho aprendendo à medida em que me reinvento professora: é preciso conhecer-se! Como nos dizem Nóvoa e Finger (2010, p. 26) "Dificilmente poderemos pretender interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação".

Referências

ALBANO, A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. Dão Paulo: Loyola, 1992.

ALBANO, A. A. **Tuneu, Tarsila e outros mestres**: o aprendizado da arte como um rito de iniciação. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

ALMEIDA, M. J. de. **Cinema arte da memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

BOJUNGA, L. **Feito à mão**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago. 2006

EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 (edição digital).

GALEFFI, D. A. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007.

HERMANN, N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HILLMAN, J. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M.C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdIPUC, 2010.

LEITE, M. I. De onde vem a chama que acende o pavio? In: BLUMENAU. Secretaria Municipal De Educação. **Cadernos de Educação infantil nº 3**. Blumenau: SMED, 2004. p.56-57.

MARTINS, M. C. O sensível olhar-pensante. In: FREIRE, M. **Observação, registro, reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p.20-37.

NÓVOA, A; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OSTETTO, L.E. **Educadores na roda da dança: formação-transformação**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, SP, 2006.

OSTETTO, L. E. A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, UNISC, Departamento de Educação, Santa Cruz do Sul, v.14, n.1, p. 29-43, jan./jun. 2006a.

OSTETTO, L. E. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cad. CEDES**, v.30, n. 80, Campinas, jan./abr. 2010.

OSTETTO, L. E. **Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

OSTETTO, L. E. Fazer à mão para falar de si. In: MONTEIRO, F.A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. da. (org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. p.143-159.

OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. **Arte, infância e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 79-95.

QUEIRÓS, B. C. de. **O fio da palavra**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.

ROCHA, R. Auto-apresentação. In: ABRAMOVICH, F. (Org.). **O mito da infância feliz**. São Paulo: Summus, 1983. p.103.

VECCHI, V. **Arte y creatividad en Reggio Emilia**. Madrid: Ediciones Morata, 2013.

ⁱ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), atua no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado). Doutora em Educação (Unicamp), mestre em Educação (UFSCar) e Pedagoga (UFSC), é Líder do FIAR - Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte. Desenvolve pesquisa, extensão e ensino na interface entre os campos da Educação e da Arte, articulando temas que aproximam educação infantil, arte e infância, formação estética docente, narrativas autobiográficas. E-mail: lucianaostetto@id.uff.br

Como citar esse artigo:

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 166-191, mai./ago. 2018.